

O ECHO DO RIO,

Jornal Politico e Litterario.



Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.

Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4,000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

O ECHO DO RIO.

Ha muito tempo, que dizemos, que entre nós não ha senão um partido politico, por que entendemos por partido aquella reunião de opiniões, que combina em certos princípios, pelos quaes deve ser dirigida a politica e a administração do Estado: nunca daremos as honras de partido a aquelle grupo, que não apresenta senão ideias de destruição. Supponho, que ninguém nos contestará esta nossa denominação; por que seria inteiramente absurdo supôr partido, sem ao mesmo tempo supôr ambição de entrar nos concelhos do monarcha, assim como é absurdo, supôr que alguém quer entrar nos concelhos do monarcha, só para destruir.

Ha muito tempo vemos, que essa facção, que se quer honrar com o titulo de opposição, nem por seus órgãos na tribuna, nem por seus órgãos na imprensa, não apresenta uma só ideia, não emite um só principio, donde seja possível tirar uma consequencia, que tenha em vistas, já não dizemos, fazer dar ao paiz um só passo de progresso real, mas nem ao menos, que sirva a manter o que existe. E, por que isto temos visto, é que, lhe temos dado o nome de facção: á cada um o que é seu.

Mas até hoje ainda não tínhamos visto, nem podiamos conceber, que alguém se erguesse e dissesse: a base de toda a associação é a rebellião e a resistencia. O *Parlamentar* tinha convidado os escravos a levantar-se e a bater; mas isso era um remedio, que se applica para um caso unico; tínhamos visto por aqui e por ali soltas algumas expressões, que directa ou indirectamente pregavam a desobediencia ás autoridades legaes, e davam em resultado a anarchia: mas nunca vimos, nem mesmo suppozemos, que houvesse alguém, que se lembrasse de dizer: a base de toda a sociedade é a resistencia e a rebellião.

Deixamos de parte todo o aranzel historico apresentado pelo *Nacional* para provar a sua these: por que tem havido no mundo tres ou quatro rebelliões, tirar a conclusão que elle pretende, é a maior das temeridades: deixamos de parte a confusão, que elle faz de todos os movimentos politicos, que a todo chama rebellião, ainda que não possa dizer contra quem ella foi; como acontece com a Santa S.^a, que tambem lhe mereceu o epitheto de rebelde: deixamos de parte os erros de historia, que accumula: fique tu lo isso para o canto: ousamos perguntar-lhe, se julga elle possível a conservação de um

povo, que admitta por base de seu direito politico a theoria, que pregou.

E' um dos casos, em que julgamos licita esta pergunta; por que são tão absurdas as ideias, que não podemos comprehender como haja alguém, que ouse emittilas. Estabelecidos taes principios, qual seria o paradeiro? Quem será o juiz, que diga quando deve um povo recorrer á resistencia e á rebellião. Admittida tal doutrina, se um dia alguém que não seja do nosso lado, subir ao poder, temos tambem o direito de resistir e rebellar-nos.

O *Nacional* ignora completamente a natureza do systema, e o seculo em que vive. Não queremos ser juizes do que se passa em povos estranhos: mas a exemplos podemos oppôr exemplos: a França, que se nos descreve no apogeo da gloria e da prosperidade, opporemos a Hespanha, onde taes direitos têm sido exercidos á risca: qual é a sorte desse bello paiz, cabeça da Europa, e destinado pela natureza a ser a primeira de suas potencias? Por um exemplo de poucos, que tenham lucrado com uma revolução, mostrar-vos-hemos mil, que tem perdido: e cem mil que tem ganhado em se conservar tranquillos. Não são tão frequentes as rebelliões na Turquia: e por que não são os Turcos o povo mais feliz do universo?

Mas, para que exemplos? Pois não basta o enunciado da proposição para conhecer o seu absurdo? Se a rebellião é a base do systema social, então não ha mais segurança nem tranquillidade.

A maior vantagem, que traz consigo o governo representativo, é dispensar as rebelliões, não dizemos bem, as revoluções, por que as rebelliões nunca poderão entrar nos codigos das nações. O monarcha impoçavel, governando por seus ministros, dimitte-os quando quer: para que pois a rebellião? Pois esse ministerio, que tanto aborreceis, não será demittido, logo que convençais ao eleitor dos ministros de que estes não promovem o bem publico? Não está ahí a imprensa? Pois bastou para derrocar do poder o Sr. Limpo e compaheiros, e não basta para vos fazer triumphar? E não tivestes a tribuna por espaço de oito mezes? Peissima é a causa, que com taes auxilios não triumphou.

E a liberdade da imprensa e da tribuna são essenciaes no governo representativo: e nós temos governo representativo. Não se reünam camaras municipaes e assemblies provinciaes, mas reünam-se cidadãos, e dirijam representações. E, ainda mesmo depois de exhaustos es-

tes meios, ainda resta o mais poderoso: é a paciência: e é só com a paciência, que se obtêm verdadeiros triumphos no mundo moral, como no physico.

Não carecemos nós os Brasileiros desse recurso, assim como não carecemos de resistencia ou rebelliões: as provincias têm muita independência para que tenham essa necessidade de recorrer a outros meios, que a elibação e a imprensa. Mas nunca aconselhariamos se não paciência: se nossos adversarios estiverem no poder, a nós os co-religionarios recommendaremos união e paciência: nunca saltar daquillo, que está expressamente escripto. Uma rebellião vencida, traz uma multidão de desgraças; vencedora, traz ainda mais.

Lembram-se reis, que tem sido dethronados; lembra-se isso aos Brasileiros, para lhes mostrar os seus direitos: escusavam ir tão longe: cá mesmo no Brasil já temos tido exemplos; e o que ganhámos? Resistimos; rebellámos-nos: que lucro tirámos? Nosso imperador para não vê manchada sua corôa, abdicou-a; e que lucro tirou dahi o Brasil? Apenas e só apenas ser alguns annos mais cedo governado pelo Sr. D. Pedro II.

Vai longo o artigo; e por isso por hoje aqui paramos.

RIO GRANDE DO SUL.

Os nossos novelheiros politicos, arvorados em terroristas, tem apalrado o terreno, para incutir medos sobre o estado do Rio Grande do Sul; mas tão desasados são elles, que inventam cousas do passado, se não de attentar sobre o futuro; de modo que, em vez de produzirem serios receios, não fazem mais que, desacreditar as noticias, que espalham, e a si mesmos. A verdade é, que o Rio Grande está quasi pacificado: uma só porção já não é dominada pelos rebeldes, que, tendo procurado refugio no Estado Oriental, viram-se immediatamente obrigados a voltar ao abençoado solo do Brasil, porém mais exhaustos do que delle tinham sabido: e hoje até se vêem falhos das cousas de primeira necessidade, faltando-lhes absolutamente tudo aquillo, que pôde servir para fazer a guerra, de modo que não ousam encarar nossas forças: e essas quadrilhas que, ainda infestam a campanha, que, só de quadrilhas merecem o nome, constam apenas de alguns individuos, que, carregados de crimes, receiam ser punidos por elles; e constam da porção de escravos, que Bento Gonçalves tirou das estancias e fez armar. Estes hade custar muito a desarmar-se.

Os sustos, a respeito do Rio Grande, hoje não são mais pelo resultado da guerra civil; hoje são outros, originados pela visinhança do Estado Oriental, e pelo drama, que se ali representa. O que quer Rosas, do Estado Cisplatino? O que quer de Fructo? para que manda um exército auxiliar a Oribe? Como é, que Oribe se proclama em favor dos federalistas contra os unitarios?

Sim: como é que Oribe protege federalistas contra unitarios? O Estado Oriental não tem federação com nação alguma: não a pôde ter a vista do tratado de paz assignado entre os plenipotenciarios do imperio, e das republicas cisplatina e argentina; ali todos são unitarios pela natureza das cousas: o que quer Oribe? Quer obrigar os Cisplatinos a receber nova constituição, e a adoptar esta forma de governo diversa daquella, que tem? E, a quem se federará a Cisplatina?

E' para as probabilidades, que tem estas eventualidades, que chamamos á campo alguns individuos, que por

ahi andam phantasiando novidades. Tudo nos indica, que o resultado da guerra entre a banda oriental e a occidental hade trazer alteração nos negocios de Montevideo; mas o que é peor, é que, esse resultado necessariamente tem de influir no Brasil. A posição de Montevideo é tal, que um tiro lá disparado, faz estremecer o Rio Grande.

E aqui diremos de passagem: se os homens, que com sua desarrazoada opposição obrigaram o imperio a fazer a paz com a republica argentina, se esses homens, que em vez de auxiliar o governo do seu paiz para fazer a guerra com dignidade, tratavam de o combater por todos os modos: se esses homens são capazes de remorsos, quantos remorsos não terão sentido hoje, vendo a falta que, ao Brasil faz a margem oriental do Prata! Mas é isso facto consumado; passemos adiante.

O Estado Oriental do Uruguay, offerece motivos para as mais serias meditações, por que seus negocios estão o mais que possível, complicados; e desta complicação podem vir complicações ao Brasil. Alem de um tratado, que fizemos em 1828, o qual por dignidade nossa nos cumpre fazer respeitar, alem da conveniencia de não termos as portas uma nação poderosa, temos uma fronteira immensa, que fazer respeitar, sem que seja possível obstar a que possa em uma ou outra occasião, ser passada por nossos visinhos, nem mesmo que tivéssemos um exercito duplicado do que temos, e nem mesmo que todo elle estivesse na provincia do Rio Grande.

Fructo ainda contém em respeito os seus inimigos: todas essas noticias que nos haviam sido dadas do poderoso exercito de Oribe, e de seus valiosos recursos, não tem sido seguidos dos resultados, que eram de esperar: Fructo, continua a manter-se, e Oribe parece condemnado a eterna inacção; nem para nós será maravilhoso se ali nos vier a noticia de que lá vai em retirada procurar asylo em Buenos-Ayres. Mas demos, que Fructo é vencido; com effeito tudo parece presagial-o: ainda assim, não haverá paz em Montevideo: ainda por muito tempo as cousas se passarão como até agora tem passado: isto é: os Estados americanos da lingua hespanhola, como a sua mãe patria, ainda por muito tempo não poderam gozar de tranquillidade. E em quanto Rosas governar em Buenos-Ayres, um dos contendores terá sempre o apoio de Rosas. E, não nos pôde dali provir serias complicações? Não podemos a final ser envolvidos em uma luta, de que tudo nos convida a fugir?

Agora mesmo temos bem fresco exemplo. Rosas intimou o bloqueio: o Sr. Cansação entendeu, que semelhante bloqueio não devia ser respeitado, por que o governo do Brasil não tinha adherido expressamente a elle: não bastou isto para accender as iras do governo de Rosas, a ponto de descer de toda a dignidade, que conserva qualquer homem de educação? Não vimos o nosso ministro insultado em um documento official de governo estrangeiro?

Não sabemos, o que terá resolvido o governo Brasileiro; mas sabemos, que tão pequeno incidente, attenta a pequena distancia da côrte, e as promptas providencias tomadas pelo Sr. Sinimbu, foi capaz de produzir tão graves effeitos, como está produzindo, por que supponmos que nunca o governo Brasileiro consentirá em retirar a nota do Sr. Ponte Ribeiro, ao menos em quanto D. Philippe Arana não retirar a que a ella deu motivo. Se pois aquelle facto bastou para tão serios desaguisa-

dos, o que não ha a reccar se contestações mais serias se levantarem?

Eminente serviço nos parece que faria todo aquelle, que para este ponto chamasse a attenção publica. Em quanto disputamos sobre a luz do Thabor, deixamos correr pela agua abaixo nossos primeiros interesses! Ao menos não digam, que são politicos e homens de Estado, os que assim procedem.

Tinhamos escripto este artigo, quando lemos a correspondencia do *Diario do Rio* assignada — Um Brasileiro imparcial: — em o numero seguinte lhe responderemos.

AGRADECIMENTOS AO PHAROL.

Cuidavamos nós que o escriptor publico só era responsavel pelo que dizia; mas bem certo é o ditado, que diz, que o homem aprende até morrer: e ahí está o *Pharol*, que nos faz responsavel tambem pelo que não dizemos: ahí nos exproba muito seriamente por que não temos tomado a defeza do digno presidente da provincia do Rio de Janeiro. A resposta podia ser muito facil: é por que não temos querido; por que temos amisade muito particular ao Sr. João Caldas, mas nem por isso nos julgamos obrigado a sabir por elle á campo quando quizer o *Pharol*: mas deixaremos de parte esta resposta, e daremos outra mais terminante.

Em quanto vimos negocio de loterias e outras semelhantes cousas, entendemos, que não valia a pena fallar na materia: o credito do Sr. João Caldas nem levemente podia ser abalado pelas accusações do *Pharol*. Mas sahimos á campo, quando vimos o epitheto de venal, isto é, o epitheto mais infame, que se pôde dar a um magistrado, applicado ao Sr. João Caldas, a quem o *Pharol* foi o primeiro, que ousou assim nodoar. Venal a um magistrado, é a mais forte das accusações; e nós que sabemos, que o Sr. João Caldas nunca foi venal, devíamos, não como seu amigo, mas como escriptor publico reclamar contra essa calumnia, que lhe fazia a imprensa.

Repetimos: não fizemos caso das accusações anteriores, por que eram tão futeis, que não valiam a pena de ser respondidas.

D'envolta com a accusação, de silencio mimoseou-nos o collega com uma boa porção de injurias: chamou-nos quanto nome quiz: assassino, perverso, calumniador, infame, nada lhe escapou. Dirigimos nossos agradecimentos ao contemporaneo: muito sentiríamos se suppozessesmos, que estavamos nas suas boas graças; tivemos prova de que nos não conta entre os seus amigos: mil e mil vezes obrigado. Diz, que por interesse defendemos o Sr. João Caldas: suppomos, que o bom julgador se julga por si; e por si nos terá julgado o contemporaneo. Affirma, que tem visto em nossas columnas muitos insultos, muitas calumnias, a todos os cidadãos: mente: a expressão não é muito polida; mas é a unica propria: ninguém escreve menos nomes proprios do que nós. Quanto ao Sr. Valdetaro nunca o caluniamos, e menos o chamamos venal. Se o *Pharol* tratasse o Sr. João Caldas como nós tratamos o Sr. Valdetaro, nem uma p lavra tivera sahido de nossa penna. E o Sr. João Caldas é tão bom magistrado como o Sr. Valdetaro.

Não damos esta satisfação ao *Pharol*, por que a esse nada temos, que dizer, mas ao publico; que qualquer desvi-nosso podíamos justificar com o exemplo do contempo-

raneo; não ha ahí um só numero, não ha uma só columna de sua folha que venha cheia de ataques a cidadãos honestos, de personalidades.... mas pôde esta discussão interessar? Ao publico de certo que não; por isso escreva o *Pharol* como quizer; ir-lhe-emos á mão quando o entendermos conveniente: e continuaremos nós em nossa tarefa, soffrendo com toda a paciencia todas as injurias do contemporaneo: quando nos resolvemos a escrever, já sabíamos a sorte, que nos esperava.

Mais uma palavra: tendo-nos dito, que seria bom, que alguém injuriasse e caluniasse o redactor do *Pharol*, do modo que, foi injuriado e caluniado por elle o Sr. Caldas Vianna, para assim sentir os amargores de tal procedimento, convida o contemporaneo muito ufano, a que o caluniem e injuriem. O que quer dizer com isto? Quererá dizer, que tem reputação a perder? Que lhe é indifferente o juizo de seus concidadãos? Que não se encherá de dôr vendo-se aviltado diante do mundo inteiro? Certamente que não entendemos o alcance das palavras do contemporaneo. Por nossa parte declaramos, que em quanto nos chamarem infame, perverso, e outras cousas semelhantes, nada nos doerá, sobre tudo sahindo taes epithetos da penna do *Pharol*: mas se algum outro descesse a factos mais particulares, talvez sentissemos bastantes amargores. Mas cada qual tem seus gostos.

DEMISSÃO DO MINISTERIO.

Quem lê qualquer dos dous órgãos da facção, verá que dizem elles a cada instante, que o ministerio se deve retirar do poder: e o que é notavel é, que nós concordamos com ambos elles. Expendemos as razões que temos para desejar a retirada do actual gabinete. Vai para onze mezes, que está no poder; é muito; já infastia. Conserva as provincias em paz: não é bom, por que nem nos traz em continuados sustos, nem alimenta a nossa curiosidade. A guerra do Rio Grande está quasi em seu fim; esta razão então é a mais poderosa. De que hade viver tanta gente, que até agora só tem vivido á custa dessa guerra? Para que fazer vêr ahí a todos, que as estrellas do sul podem ser vencidas? Para que firmar a monarchia? Para que tapar esse sorvedouro dos dinheiros publicos? Para que tirar as esperanças a tanto parvo, que ahí ha por esse Brazil, que ainda pensa, que o governo do Rio Grande hade servir de norma ao governo de todas as provincias do ex-imperio? Os ministros são só seis: e os rebeldes do Rio Grande são muitos mais: ora, em collisão vence a causa do maior numero; e até este governo é o governo das maiorias: por consequencia, antes se sacrificuem os seis ministros, do que os rebeldes do Rio Grande.

E advirta-se, que esses homens são monarchistas de todo o coração. Em 1840 festejaram com marmellada e vinho os annos de S. M. Se alguém duvida do facto, pergunte-o ao Sr. Alvares Machado, que foi até quem lh'o mandou de presente, sem ser á sua custa, maneira por que tambem nós somos generosos, e muito estimariamos poder presentear os nossos amigos. Talvez que os ministros nesse dia nem em sua casa jantassem! Mas nós fazemos justiça: valor não ha como entre os rebeldes do Rio Grande; só os soldados de Tobias; fidelidade isso lá os rebeldes do Rio Grande; monarchismo elles mesmos: amigos da ordem procurem-o tambem entre elles. São pessoas de muita habilidade. O ministerio deve ser demittido: isso não tem duvida. E quem lhe succe-

derá? Quem? Pois não ha por ahi tanta gente? Só entre os collaboradores do *Nacional* ha gente para um ministerio, e ainda para mais alguma cousa. Para ser ministro, dizia o Sr. Feijó, que bastava andar de casaca.

RECOMMENDAÇÃO.

Recommendamos ao contemporaneo do *Nacional*, que quando fallar em historia, primeiramente a estude. Não fallaremos de outras, mas retificaremos o que diz sobre a casa de Bragança. D. João I de Portugal nunca foi rebelde: sua sobrinha, filha de D. Fernando havia casado em Castella, e não tendo havido no contracto estipulação alguma em favor dos seus direitos de successão, se D. João I não era herdeiro do throno, tambem a filha de D. Fernando o não era. E D. João IV menos rebelde foi, se é possível dizelo. O throno lhe pertencia como herdeiro d'el-rei D. Moncel por D. Catharina, filha de D. Duarte, filho d'aquelle rei. D. Philippe de Hespanha havia sido usurpador; e seus direitos só foram reconhecidos á força em consequencia do formidavel exercito, que ás ordens do famoso duque d'Alba entrou em Portugal. Não houve por tanto rebelião houve, restauração, e sempre como tal, o povo portuguez a conheceu.

E se o contemporaneo assim truca de falso na historia dos antecessores do seu monarcha, como não trucarã nas alheias?

Todo o movimento armado é rebelião? Carlos II de Inglaterra foi rebelde? Luiz XVIII de França foi rebelde?

A PARAHYBA, E O SR. CHAVES.

O que se pôde esperar de um grupo de homens, que arvora repentinamente em virtudes aquillo, que em todo o tempo foi crime, mudando assim todas as crenças? Ahi está a facção clamando que o Sr. Chaves transformou a Parahyba em Siberia. Se perguntassem á alguem o que isto queria dizer, seria difficil responder, por que a Siberia quanto ao seu physico é um paiz lá das regiões do Norte, e o Sr. Chaves não pôde fazer que o benefico clima do Brasil, se transforme nos horrores dos climas polares, ou quasi. Pelo lado politico, a Siberia é o lugar para onde a Russia manda seus degradados; mas não sabemos, que o Sr. Chaves fizesse degradar alguem para a Parahyba.

O que sabemos é, que o Sr. Chaves foi recebido na Parahyba, a tiro de brcamarte; que, antes da sua chegada, ali não havia a mais pequena segurança: os assassinatos succediam uns aos outros, com espantosa rapidez: toda á ideia de governo parecia impossivel. Com a chegada do Sr. Chaves, houve governo, houve ordem e segurança. Os assassinos não gostaram muito dessa mudança; mas os proprietarios da provincia, bem dizem ainda o nome do Sr. Chaves. E a facção mal diz o Sr. Chaves! E por que não? Se elle tem illustração, probidade, coragem, amor do seu paiz, e das instituições que o regem: se elle é odiado figadalmente pelos farrapos do Rio Grande!

MAIS INTRIGAS.

A facção não perde uma só occasião de intrigar, com quanto tenha conhecido que perde o seu tempo. O general barão de Caxias tem quasi concluido a missão, para que foi enviado ao Rio Grande: os rebeldes ou tem deposto as armas, ou dispersos, e foragidos não se atra-

vem á encarar nosas forças. Ahi vem a facção propalando sua demissão, e attribuindo isto a motivos particulares! A especulação é boa, mas o digno general não engole mógicas. Elle sabe muito bem que concluida a sua missão hade retirar-se: ahi tem sua familia inteira, pay, mulher, filhos, todos a suspirar por sua vinda, e elle com saudades de todos: são motivos bastantes para não deejjar demorar-se muito tempo. Mas a facção lança mão desta mais que probabilidade, e vai espalhando intriga e calumnia! Se disso vive!

Pois descance. Os negocios do Rio Grande vão excellentemente: o ministerio e a nação inteira está satisfeittissima com o general barão: só não o estão os anarchistas de todas as classes, os elogiadores das estrellas do sul, do jovem guerreiro, que viram eclipssar o seu lustre. Esses não podem perdoar ao general barão, os feitos, que tem obrado. Mas não é o descontentamento deesses, que fará mudar ou demittir um presidente.

CAMARA MUNICIPAL.

Temos sabido de alguns factos da nossa municipalidade, que em individuos seriam muito contrarios á moral, mas não sabemos se diversificam quando praticados por sua illustrissima senhoria. Está introduzido o estylo de quando ha passagem de um dominio util, ir o novo senhor pedir ao senhorio um titulo em seu nome. Assim se pratica na camara.

Acontece porem muitas vezes, que as partes requerem um titulo em seu nome, mas que a Ill.^{ma} camara demora annos a sua expedição, não por que tenha de os mandar dar; mas só por morosidade do expediente. Entretanto vai a tal Ill.^{ma} Sra. recebendo os competentes fóros deesses mesmos, a quem não manda passar os titulos, ainda tendo-lh'os requerido. Já nisto entra alguma cousa, que não é boa fé. Porem o melhor é que os fiscaes vão á porta dos individuos, e pedem-lhe titulos de aforamento: os individuos não os tem: e os fiscaes vão multando! A Ill.^{ma} camara recebe os fóros, e os fiscaes autoam e multam por falta dos titulos de aforamento! Se qualquer senhorio particular assim procedesse, o que delle se diria?

NOVO CAES.

Temos ouvido, que pretende a Ill.^{ma} camara municipal estabelecer um caes desde o da Imperatriz até a Saude. A obra seria muito proveitosa; com quanto outras haja de mais urgente necessidade, venha porem essa, que depois virão as outras. Mas se a camara anda tão atrasada em seus pagamentos, como emprehenderá obra tão grande?

CAMBIO.

Causou espanto em Inglaterra, que o Sr. ministro da fazenda tenha podido fazer tão avultados saques, como tem feito, sem alteração no cambio: só em um paquete perto de mil e cem contos de réis. E que dirão a isto os nossos mal dizentes? devem pedir que seja demittido o ministro.

Em um paiz livre como o nosso, a ordem, a estabilidade, a segurança publica consistem na estricta observancia das leis e da constituição jurada: fóra dahi não ha se não anarchia e subverção. Logo, rebelião é resistencia, que são os melhores meios de observar e fazer observar estricitamente as leis e a constituição jurada. Estas bellezas são do *Nacional*.